
José Viale Moutinho, *Fechem Essas Malditas Gavetas!*, Lisboa, Teodolito, 2014, 247 pp.

Thierry Proença dos Santos
Universidade da Madeira / CLEPUL
thierry@uma.pt

A literatura de ficção de José Viale Moutinho abrange um imaginário marcado por experiências de vida num mundo preso aos fantasmas e erros do passado, agarrado a preceitos tão empedernidos quanto inibidores de uma desejável reequação do modelo de sociedade. Com efeito, na sua contística-novelistiva, predomina o *topos* das oportunidades perdidas ou sempre adiadas, produto de um tempo distópico, que a sua arte narrativa de algum modo resgata: paisagens degradadas, a passagem do Tempo, a descrença e a melancolia traduzidas por expressões, imagens e exemplos anacrónica e significativamente combinados.

São, regra geral, cenários assombrosos e povoados por aristocratas exilados ou falidos, bailarinas, dandies e bêbedos, figuras de um mundo decadente; noutros, desfilam carrascos, soldados e polícias desumanizados, um clero inquisidor e insidioso, governantes grotescos, a chusma dos inevitáveis cortesãos, os manga-de-alpaca cinzentos e o tipo do professor presunçoso, símbolos da repressão, da sabujice, da autossatisfação, da indiferença e da arrogância. A essas figuras opõem-se homens e mulheres do povo – ou, então, do lado do povo – movidos por um sentimento inato de coragem, inconformismo e sacrifício, que lutam pelo bem comum, pela igualdade de oportunidades, por uma sociedade mais justa, mais inclusiva e respeitadora dos direitos humanos.

Com *Fechem Essas Malditas Gavetas!*, José Viale Moutinho abandona o habitual título “temático”, a indiciar os possíveis conteúdos do volume, ou seja, “aquilo de que fala o texto”, preferindo antes, como sucedeu com *Já os Galos Pretos Cantam*, um título “remático” – de acordo com a terminologia de Gérard Genette (*Seuils*, 1987: 74-76) –, que reenvia para a forma da narração e sua discursividade, ou seja, “o modo como fala o texto”. A frase de extração oralizante, “Fechem essas malditas gavetas!” – e título de um dos contos da coletânea eponímica –, torneada no imperativo e

rematada com ponto de exclamação, traduz bem a atitude de quem revela exasperação, sugerindo uma vez mais e amplificando-o desta feita, esse simbólico mundo desencantado que o escritor não cessa de ampliar, agora neste novo ciclo de contos posto a gravitar em torno desse sinal genérico.

Quanto à organização do livro, *Fechem essas Malditas Gavetas!* encerra 15 narrativas, ora contos ora novelas, narrados quase sempre na primeira pessoa, o que pode levar o leitor a aproximar-se emocionalmente do narrador. Fiel à cartografia da sua multifacetada obra literária, Viale Moutinho conduz de novo o leitor aos seus lugares diletos: aspetos da vida de Camilo Castelo Branco, a Guerra Civil de Espanha, a análise crítica da evolução da sociedade madeirense, a Segunda Guerra Mundial e os campos de concentração, o pequeno mundo dos arquivistas, livreiros-antiquários e alfarrabistas, a investigação criminal, a vida de café (enquanto ponto de tertúlias, conspirações e diálogos filosóficos e, por conseguinte, espelho da sociedade), a história de assombro, a passagem clandestina em regiões de fronteira entre Portugal e Espanha, entre Espanha e França, e, finalmente, geografias por onde andarihou o próprio escritor, como Veneza, a Bretanha ou o sul da França.

A voz ficcional de José Viale Moutinho não se apresenta como a de um habilidoso contador de histórias – sem, todavia, deixar de sê-lo –, preocupado em cativar um público pouco atento, com uma sucessão de peripécias bem urdida, final feliz e fundo moral edificante. Apresenta-se antes como a do fabulador que procura projetar o leitor, através da palavra, da imagem e da inteligência, para o cenário da sua efabulação, tentando fazer-lhe ver e perceber o alcance e as implicações da situação descrita.

A eficácia do seu discurso narrativo assenta no modo como o escritor investe na tonalidade do texto, para o qual transfere um sem-número de emoções através de dispositivos que provocam no leitor uma reação emocional e intelectual: cenas de violência psicológica ou física, palavrões, humor negro, horrores da guerra e da perseguição por delito de opinião, criaturas repugnantes, ironia rangente, apreciações cáusticas, provocatórios atentados a objetos raros ou preciosos, boçalidades propositadamente irritantes, embaraços que convidam a um riso amarelo, bem como cenários perturbadores e angustiantes.

Imagine-se espaços concentracionários com cães de guarda a ladrar; um lugar perdido, mergulhado na noite, no vento e no frio; uma sala de hotel onde sobressaem ou circulam entidades estranhas; uma masmorra exígua e sem janela ou uma mansão assombrada. Postos à prova numa situação-limite, os protagonistas que o narrador encena hesitam entre atos vis, atitudes impávidas e gestos heroicos. Assim se representa a condição humana, em todas as suas vertentes, sem concessão. Veja-se, a título de exemplo, as primeiras linhas do conto “O aeródromo abandonado”:

Eu vivo aqui, dizia em voz baixa Carolino de Sá no hangar de um aeródromo abandonado, junto de uma praia, no norte do país. Como carnes frias, não cozinho para que ninguém se aperceba do fumo se me atrevesse a cozinhar, sou um fugitivo, um clandestino, ninguém se apercebe, nem se deverá aperceber, da minha presença aqui, [...]. (Moutinho, 2014: 85)

Mais do que contar historinhas para entreter o leitor enquanto desfruta um momento de lazer, as vozes do texto de Viale Moutinho interpelam-no, apresentam-se como testemunhos da história do homem, da afirmação da vida e da criatividade, da luta contra as formas de subjugação, da defesa pela liberdade de pensamento.

Pelo viés de alegorias ou fantasias (no sentido de ficção especulativa), José Viale Moutinho vai desenvolver um condensado ficcional da historiografia e do jornalismo com protagonistas provenientes de horizontes diferentes: uns são fruto da imaginação; outros, baseados em figuras públicas facilmente reconhecíveis, apesar do pseudónimo que as protege do leitor menos informado ou mais desatento; aqueles outros, de rosto exemplarmente descoberto, para que os seus nomes se mantenham no firmamento da cultura universal, como Kafka, Hemingway, Guillevic, Goldoni, Tagore, Siza Vieira, Maria João Pires ou Max Brod.

Nalguns contos, recorre ao jogo do *pastiche* de documentos e do apócrifo, materializado por epígrafes, com a dupla intenção de subverter o discurso manipulador da História e de desconstruir o próprio processo de ficcionalização. Em todas as narrativas, o escritor tece relações intertextuais entre discursos ficcionais, registos historiográficos e depoimentos orais, visando imprimir na sua trama uma releitura alegorizada das situações encenadas. Neste sentido, é possível dizer-se que, pelo viés de uma tão inventiva quanto informada metaficção historiográfica, plasmada por sua vez no

realismo mágico, qualquer semelhança com a realidade é puro atentado contra os mitos oficiais, as meias-verdades e os esquecimentos convenientes.

Por vezes, Viale Moutinho propõe um discurso alternativo ao atual estado de coisas, participando, assim, na contrautopia da pós-modernidade. Sugere, por exemplo, um paralelismo entre a situação atual do país, mergulhado em plena crise económica e financeira, e um conto intitulado “Gente que se amotinou”. Começa assim:

Que sei eu desta gente que se amotinou, transformando uma cidade pacata e timorata aos governos num Estado revolucionário, que até as crianças saíram para as ruas com espadas de pau e capacetes de papel de jornal gritando morras aos governantes e as mulheres acudiam às janelas batendo nas panelas e nas caçarolas, em tal arruído que tornaram a mais pacífica das cidades num lugar onde não se podia adormecer, ou repousar de olhos abertos. (Moutinho, 2014: 185)

Todavia, essas representações literárias, cheias de silêncios gritantes ou de gritos silenciosos, podem, ainda assim, numa perspetiva terapêutica, funcionar como efeito de catarse, isto é, purificando as almas através da libertação das emoções reprimidas, provocadas pelo desespero ou por um drama. Às vezes, a palavra literária pode, pela certa, ser mais eficaz do que uma aspirina.

A escrita de Viale Moutinho é igualmente capaz de prestar homenagem à memória de vítimas da repressão, como acontece no conto “Em defesa do Padre Dinarte da Câmara”. Quem não descortinar na personagem do Pe. Dinarte da Câmara uma clara alusão ao Pe. César Miguel Teixeira da Fonte desconhece a História dos motins populares na Madeira.

Por falar nesse espaço insular atlântico, no conto de abertura “Como Tremeu a Ilha das Quatro Estações”, cognome que o autor atribui à ilha da Madeira, o leitor poderá visitar ou revisitar o Principado da Pontinha, a lenda de Machim, a lição que a Madeira e os poderes públicos terão aprendido – ou não – com o temporal do 20 de fevereiro de 2010, assim como outros particularismos insulares, muitos deles já desenvolvidos pelo escritor em contos publicados anteriormente.

Nada há de surpreendente que, num livro de contos sobre o “universo pardo da História”, como se lê no texto da contracapa, a voz testemunhal adquira um estatuto relevante. Nesta coletânea, porém, o

tradicional símbolo atinge uma inusitada polivalência. Mais do que valorizar o depoimento da testemunha que presenciou os factos relatados, o autor chama a atenção para as “distorções de entendimento” que os discursos dominantes geram: cabe ao leitor decidir se quer olhar para dentro das “malditas gavetas” e ver o que elas escondem.

Cuando este número de la *Limite* estaba concluido (y a camino de la imprenta), nos llega la triste noticia de la muerte de Carlos Manuel Ferreira da Cunha, profesor de la Universidade do Minho y colaborador de nuestra revista como miembro del Comité Científico. Sirvan estas palabras para recordar su vinculación con el Área de Filologías Gallega y Portuguesa de la UEX, lamentar su pérdida y dedicarle un sentido recuerdo (que esperamos convertir en un homenaje más extenso).